

A colonização como dispositivo de saber a partir da escrita de Gloria Anzaldúa

La colonización como dispositivo del saber a partir de la escritura Gloria Anzaldúa

The colonization as a device of knowledge from Gloria Anzaldúa's writing

João Paulo Ferreira Tinoco¹

Resumo

As discussões que aqui emergem fazem parte dos estudos que são desenvolvidos no grupo de estudos “Celebração dos Sujeitos Periféricos”, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas, supervisionado pela professora Dra. Vânia Lescano Guerra. Além disso, esta pesquisa faz parte das reflexões de minha tese de Doutorado cujo objetivo geral é estudar o processo de constituição identitária da mulher Chicana, a partir da obra *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012) escrita por Gloria Anzaldúa, sobretudo as possíveis representações de identidade, com o intuito de rastrear os efeitos de sentidos de disciplina colonizadora que a mulher Chicana ainda está enfrentando atualmente. Para isso, é necessário a crítica do estudo das relações de saber/poder (FOUCAULT, 2014), via Análise do Discurso. Buscamos também noções sobre o lugar geoistórico (NOLASCO, 2013), sob a visão discursivo-desconstrutiva (GUERRA, 2015; 2016), para rastrear como a colonização da mente/do saber é engendrada. Minha hipótese é que a escrita pode ser examinada como um palimpsesto em que marcas sobrepõem a outras e que não conseguem ser exauridas. Nas análises pude observar que a escrit(ur)a está permeada de dispositivos caracterizados por uma violência disciplinadora praticada pelo “homem branco” através da incitação ao ódio e pela discriminação étnica e sexual. O que pude examinar na escrit(ur)a analisada é que há marcas “visíveis” de controle e silenciamentos, que consolidam o sistema de colonização, na busca de uma excludente anulação, deslegitimando a autonomia da mulher Chicana.

Palavras-chave: Análise do Discurso; *Borderlands/La frontera*; Colonialismo.

Resumen

Las discusiones de este texto son parte de los estudios que son desarrollados por el grupo de estudios “Celebración de Sujetos Periféricos”, en la Universidad Federal de Mato do Sul, unidad de Três Lagoas, coordinada por la Profa. Dra. Vânia Lescano Guerra. Además de eso, esta investigación es parte de las reflexiones de mi tesis de doctorado, cuyo objetivo general es estudiar el proceso de constitución identitaria de la mujer Chicana, a partir de la obra *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012) escrita por Gloria Anzaldúa, sobretudo las posibles representaciones de identidad, con el interés de buscar los efectos de sentido de la disciplina colonizadora que la mujer chicana aún está enfrentando actualmente. Para eso, es necesario la crítica de los estudios de las relaciones del saber/poder (FOUCAULT, 2014), por el Análisis del Discurso. Buscamos, también, nociones sobre el lugar geo histórico (NOLASCO, 2013), con una mirada discursiva-desconstrutiva (GUERRA, 2015, 2016), para rastrear como la colonización de la mente/ del saber es originada. Mi hipótesis es que la escrita puede ser examinada como un palimpsesto en que marcas sobreponen a otras y que no logran ser terminadas. En los análisis pude observar que la escrit(ur)a está permeada de dispositivos caracterizados por una violencia que disciplina y es practicada por el “hombre blanco” mediante la incitación al odio y por la discriminación étnica y sexual. Lo que pude examinar en la escrit(ur)a analizada es que hay marcas “visibles” del control y del silenciamiento que contribuyen para la construcción del sistema de colonización en la búsqueda por una excluyente anulación, deslegitimando la autonomía de la mujer Chicana.

¹ Mestre e doutorando em Letras; UFMS; Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; lajptinoco@gmail.com.

Palabras claves: Análisis del Discurso; *Borderlands/La frontera*; Colonialismo.

Abstract

The discussions that emerge here are part of the studies fomented in the study group Celebração dos “Sujeitos Periféricos”, at the Federal University of Mato Grosso do Sul, Três Lagoas Campus, supervised by Dra. Vânia Lescano Guerra. Besides, this research is part of my discussions on my theses, which objective is to study the identity constitution process of the Chicana woman from the novel *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012), written by Gloria Anzaldúa, especially the possible identity representations, seeking the sense of meanings of the colonized discipline that the Chicana woman is facing nowadays. To reach my goal, it is necessary to study the knowledge/power relation (FOUCAULT, 2013), via Discourse Analysis. We also based on Local Geohistoric (NOLASCO, 2013), under the deconstructive-discourse (GUERRA, 2015; 2016), to apprehend how colonization of the mind/knowledge is produced. My hypothesis is that the writing may be examined as a palimpsest that leaves marks that overlap others and cannot be silenced. From the analysis I could observe that the writing is permeated of disciplinarian violence device practiced by the “white man” through hate and ethnic and sexual discrimination. I also could exam on the writing visible marks of control and silence that perpetuate the colonization which annulant exclusion, delegitimizing the autonomy of the Chicana woman.

Keywords: Discourse Analysis; *Borderlands/La frontera*; Colonialism.

1. Introdução

Eu comecei a pensar, “Sim, eu sou chicana mas não é tudo o que eu sou. Sim, eu sou mulher mas não é tudo o que sou. Sim, eu sou sapatona mas não é só isso que me define. (ANZALDUA, 2000).

Este trabalho faz parte das reflexões de minha tese de doutoramento, cujo objetivo é estudar o processo de subjetivação da mulher Chicana a partir do livro *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (ANZALDÚA, 2012), sob o viés discursivo-desconstrutivo fomentado por Vânia Lescano Guerra (2015; 2016), pesquisadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas, e Maria José Coracini (2007), professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Esse viés que advém da Análise do Discurso de linha francesa (AD), de concepções filosóficas, por exemplo, Michel Foucault e um atravessamento da psicanálise de Jacques Lacan. Ou seja, a perspectiva discursivo-desconstrutiva emerge num campo transdisciplinar, onde tramas discursivas de outros campos de estudos são fiados para compor essa teorização discursiva. Para além disso, trago os estudos de cunho descolonial que direcionam a minha pesquisa para refletir sobre os povos marginalizados da fronteira, sobretudo a mulher Chicano/índigena a partir de obra *Borderlands* (2012), que criam e desenvolvem ideias e saberes, mas que não são dados a elas o direito de serem criadoras de sua própria cultura e nação.

A escrit(ur)a de Anzaldúa (2012) emerge na sociedade pela emergência dos estudos feministas das mulheres Chicanas/índigenas no México diante da ausência de vozes que não incluíam a mulher Chicana/índigena, uma vez que há questões e lutas específicas que estão

atrelados às mulheres que estão localizadas na fronteira entre os o México e os Estados Unidos da América (EUA). Como na epígrafe, o sujeito mulher Chicana/indígena se encontra num lugar de questionamentos constantes onde o outro o lembra o que ele deve ser e como deve agir.

Dito isso, é importante entender os conceitos de discurso e sujeito para a Análise do Discurso (AD), o Local Geográfico de Nolasco (2013) e o processo desconstrutivo descolonizador de Gloria Anzaldúa (2012).

Minha hipótese é que a escrit(ur)a pode ser examinada como um palimpsesto em que marcas sobrepõem a outras e que não conseguem ser exauridas. Essas marcas reaparecem no âmbito social com outras roupagens mas com o desejo dicotômico homogeneizador que está sob um pensamento hierarquizante. Ou seja, a história ocidental teima em apagar as histórias outras, histórias não consideradas importantes; a grande História eliminou histórias marginalizadas para reatualizar a sua. Um processo de silenciamento e desvalorização, mas que é possível acessar essas histórias renegadas por meio de um teoria *fronteriza*.

Algumas perguntas que foram feitas: Quais os efeitos de sentido que emergem na fronteira a partir das relações de saber/poder que caracterizam o discurso da mulher Chicana, sobretudo no livro *Borderlands* (2012) escrito por Gloria Anzaldúa? Quais são as marcas linguísticas materializadas que caracterizam a subjetividade dialética colonizador/colonizado, exclusão/inclusão na escrita da mulher Chicana/indígena?

As análises vão mostrar que a escrit(ur)a da mulher Chicana/indígena está permeada de dispositivos caracterizados de uma violência disciplinadora, agenciada pelo *homem branco* através da incitação ao ódio e pela discriminação étnica e sexual.

Vale dizer que *homem branco* é compreendido neste trabalho como o poder hegemônico. Minha escrita tenta imprimir uma prática descolonial pela maneira de recontar histórias silenciadas ou/e compartilhar histórias vivenciadas pelos sujeitos fronteiriços a partir da escrit(ur)a da mulher Chicana/indígena. Desse modo, passo agora para os conceitos que são articulados neste artigo.

2. A travessia teórico-analítica

Há memórias que são compartilhadas no seio social que trazem rastros do imperialismo. Essas memórias perpetuam em variadas práticas cujos saberes sobre/da mulher Chicana/indígena foram coletadas, classificadas e representadas de muitas maneiras para o *homem branco*, ou seja, a partir do olhar que o *homem branco* possui do colonizado. Como analista do discurso, refiro-me ao discurso que o *homem branco* tem do outro, o qual é

sustentado pelas instituições, vocabulários, a academia, o imaginário, a doutrina, até mesmo as burocracias e estilos coloniais. Um vez que o sujeito é permeado de outras vozes, sendo herdeiro, por meio da língua(gem), de saberes compartilhados os quais o sujeito teve contato ao longo de sua vivência. O sujeito é como um guardador de histórias e memórias.

Para a AD o sujeito fala de algum lugar e está atrelado a enunciados que desvelam sua posição diante daquilo que percebe no/do mundo. Esses enunciados são saberes, crenças, mitos etc., que a cada vez que eles emergem são reatualizados, abrindo espaços para diferentes interpretações. Explico. Quando Anzaldúa (2012) pontua que é mestiça, efeitos de sentido possíveis se concretizam quando leva-se em consideração o seu local de enunciação, a sua biografia, ou seja, Anzaldúa (2012) é mestiça porque se vê no entre-lugar em relação às suas heranças ancestrais: México e EUA. Através do México, precebe-se a sua herança indígena e os EUA nota-se a colonialidade do poder que tenta apagar sua *origem*. Pensemos no Papa Francisco dizendo em um determinado momento que é mestiço, efeitos de sentido serão possíveis mas aventarão para outros deslizamentos diferentes do sujeito *fronterizo*. Poderíamos pensar que o Papa disse que é mestiço em relação ao seu desejo de querer alcançar sujeitos outros, discursando a partir dos povos fronteiriços, mas nunca em relação ao local de onde ele enuncia, nem mesmo quanto à sua ancestralidade.

Para a AD, o sujeito é uma posição (posição-sujeito) que está atrelado aos enunciados. Esse sujeito é interpelado pelo discurso, pela língua(gem). Segundo Foucault (2014), o sujeito é disperso, descontínuo, capaz de *adquirir* muitas posições, ou seja, por atravessar várias posições, ele não assume os enunciados; ao contrário, pelo fato de o sujeito permear diferentes posições, são os enunciados que determinam o que pode e deve ser dito. O sujeito é um composto histórico.

Esses enunciados formam grupos distintos de saberes que Foucault (2014) designou de Formações Discursivas (FD). Em outras palavras, é como se fosse um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Todos esse elementos caracterizam a FD em sua singularidade, possibilitando a passagem da dispersão para a regularidade.

Ocorre que, para a AD, o sujeito, por meio da língua(gem) e afetado pela história, constrói representações, isto é, a história carrega fatos significativos que são afetados pelo simbólico, e, ao ser afetado pela língua(gem) e história, o sujeito discursivo move-se pelo inconsciente e pela relação de poder. O sujeito é constituído de uma ilusão de que tudo o que ele diz é origem do seu saber e que tudo aquilo que ele diz deve ser compreendido pelo outro através de sua intenção, significando aquilo que ele queria dizer. Essas ilusões são necessárias para o processo do dizer do sujeito.

A partir dessas considerações, entendo que a língua(gem) faz sentido porque está inscrita na história, que o homem, ao nascer, perpetua e produz mudanças. Assim, o sujeito não fala por si, pois, ao inserir-se no discurso, como postula Coracini (2007, p. 24), ele

busca palavras (que são suas e do outro) para se definir [...] É no exato momento em que ele se submete às expectativas do outro [...] que resvalam, cá e lá, fragmentos, fagulhas candentes da subjetividade que se diz: escapam representações, desejos, inconscientes e abafados, que se ateiam à menor oportunidade.

E essa menor oportunidade é o discurso, momento em que o sujeito se coloca em cena e encena. Ao enunciar, o sujeito mulher Chicana/indígena marca sua posição por meio das escolhas lexicais, revelando sua subjetividade, que permeiam as diferentes posições sociais que são desempenhadas pelos indivíduos em momentos diversos da vida, uma vez que esse sujeito se organiza por meio da história e cultura.

Como consequência disso, o sujeito mulher Chicana/indígena situa-se em uma posição que (re)produz efeitos interpretativos a partir do uso da língua(gem) ao ser constituído por ela. E, por ele (re)produzir tais efeitos de interpretação (prática significativa que o sujeito exerce), não há controle de efeitos de sentido em seu dizer. (CORACINI, 2007).

Dessa maneira, cabe lançar olhares em relação a esse lugar enunciativo que venho pontuado. No desejo de descolonizar os saberes hegemônicos, aproximo-me do intelectual Edgar César Nolasco (2013), sobretudo a sua noção de Lugar Geoistórico, que é uma das questões que tento diluir nessas minhas reflexões. Vale dizer que por Local Geoistórico o estudioso fronteiriço², Nolasco (2013), entende que é um lugar geográfico arraigado de histórias locais que nos ajudam a exumar memórias veladas. Um local que relata histórias particulares. Assim, erijo uma crítica a partir do lócus da mulher Chicana/indígena para contribuir com a exumação de histórias locais que descentram a crítica hegemônica. Esta não consegue *ler* a fronteira, porque em seu tecido há a presença de *carafunchos* duros de difícil remoção.

É preciso desconstruir. É preciso ferir mais uma vez o tecido e deixá-lo sangrar. É preciso descolonizar para curar a *herida* colonial. Ferir no sentido de desvelar as práticas de violência da *herida* colonial para trazer a lume o processo da construção do saber colonial e, em seguida, desconstruir esse processo por meio da prática rebelde que não aceita as práticas coloniais sem serem questionadas.

Ainda nessa mesma esteira de (des)construção e articulação das teorias, apoio-me também nos estudos de Foucault (2014), os quais me ajudam a rastrear o processo de

² Lugar de aproximação, mas também de distanciamento. (NOLASCO, 2013).

identificação construídos numa teia entre discurso, história e memória com o intuito de mostrar a pertinência da conjunção dos campos dos estudos do discurso com os estudos da crítica descolonial, isto é, o seu método arqueogenealógico. Este tem como objetivo demonstrar que as relações de poder são imanentes a toda e qualquer prática discursiva. É por meio dos discursos que os sujeitos se utilizam de determinadas práticas para se beneficiarem e ganharem o poder. Aliás, essas relações se evidenciam nas relações *mínimas*, nos *detalhes* ou *contornos* dos discursos de maneira que pode-se compreender que a mobilização de determinado objeto (na obra *Borderlands* (2012)), os relatos como denúncia não se dão ao acaso, ao revés, permitindo ao analista discursivo contemplar as relações contingencialmente ou mesmo substancialmente conflituosas estabelecidas na enunciação.

Fio-me no pensamento do autor, pois para ele o discurso é observado como uma prática social, determinada pela/na história, que constitui os sujeitos e objetos. E a partir dessas práticas é possível analisar a circulação dos enunciados, levando em consideração o Local Geoistórico dos sujeitos, as materialidades na escrit(ur)a que fazem emergir os sentidos e como os enunciados se estabelecem com a história e memória.

Para essa teorização *fronteriza* é importante trazer o local de enunciação da mulher Chicana/indígena. Esse viés é resultante de uma biografia fronteiriça que funciona como um sintoma do *bios* e do *lócus* do sujeito. Nolasco (2013) denomina de *bios* e *lócus* como biolócus (*bios* = vida + *lócus* = lugar). Dessa maneira, Nolasco leva em consideração a reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do *bios*, o sujeito crítico envolvido na ação, bem como a ordem do *lócus* (o lugar a partir de onde a reflexão é proposta). Nas palavras do próprio autor:

A denominação crítica biográfica fronteiriça merece uma nota explicativa. Em meu livro *Perto do coração selbaje da crítica fronteiriça* (2013), como mostra o título, já me detinha acerca de uma crítica fronteiriça. Todavia, ali me valia mais da rubrica pós-colonial ou pós-ocidental como forma de atender melhor aos postulados teóricos empregados. Não abri mão de tais teorias, muito pelo contrário. Mas entendo, agora, que elas se voltavam muito mais para uma América Latina como um todo e que, ao seu modo, continua a excluir o Brasil ou, quando não, este vinha meio arreboque. Na tentativa de resolver em parte isso que me incomodava, fechei um pouco mais o recorte epistemológico e, em contrapartida, como ganho teórico na discussão que proponho agora, aproximei-me mais do meu bios e do meu lócus, posto que a fronteira-sul daqui de onde penso é tão real quanto epistemológica. (NOLASCO, 2015, p. 47)

Portanto, pensar a partir da fronteira traz a possibilidade de *ver* a colonialidade e *ver* a colonialidade materializada no pensamento descolonial para, por conseguinte, desconstruir as dualidades do pensamento colonial. De acordo com Mignolo (2018), ver os dois lados de uma história ao invés de um é importante, uma vez que um dos dois lados desvela outras

dimensões que estavam silenciadas, emergindo a insatisfação e angústia das pessoas, enquanto o outro lado é a história de coisas boas que estão para acontecer; das famílias ricas que investiram parte de suas fortunas para o bem do próximo, por exemplo.

De acordo com Nolasco (2013) é a crítica feita fora do eixo, a teoria *fronteriza*, por exemplo, que pode ser capaz de rechaçar o discurso crítico hegemônico que é (re)produzido nas academias dos grandes centros do país. Desse modo, ir de encontro com o pensamento ocidental que teima falar pelo sujeito marginalizado é ir em direção a uma teoria que reclama ser pensada fora do eixo. Em outras palavras, a teoria *fronteriza* constrói saberes que se encontram fora da discussão da crítica fomentada no centro. A teoria *fronteriza* “visa descolonizar o ranço de uma epistemologia moderna que ainda repousa na articulação da crítica do centro quando o assunto é o resto da discussão crítica. (NOLASCO, 2013, p. 50).

Assim, a teoria *fronteriza* tece suas críticas *a partir* do sujeito marginalizado. A crítica que proponho aqui, sob a Análise do Discurso transdisciplinar, qual seja, desconstruir as práticas do discurso. E para me aproximar do Local Geográfico de Anzaldúa (2012) para que eu possa apreender uma análise descolonial, busco na crítica descolonial uma teorização que emerge da margem como a consciência *mestiza*, cuja mola propulsora é afastar dos saberes dicotômicos e desestabilizar o pensamento colonial. A partir da consciência *mestiza*, pode-se atravessar o dualismo em que um termo é negativo e o outro é positivo, por exemplo, homem x mulher, hétero x homossexual, branco x preto, colonizado x colonizador. Além disso, há a posição feminista que procura valorizar o local enunciativo da mulher Chicana/indígena.

3. Breve preâmbulo da obra e autora

A obra que analiso, *Borderlands* (2012), há relatos concernentes à vivência da fronteira entre o México e os Estados Unidos da América (EUA). Os eventos que ocorrem na fronteira são altamente conflituosos, por exemplo, o femicídio, mexicanos a espera de passar para outro lado do muro, superlotação urbana, comunidades indígenas (des)locadas, reformas anti-imigração³, construção de muros, inúmeras mortes no deserto, tráfico de drogas, violência, assassinatos de meninas e mulheres.

Borderlands (2012) é escrito por Gloria E. Anzaldúa. Chicana, lésbica, ativista e escritora, produzindo uma gama incontável de registros, categorias, disciplinas, práticas, saberes, emoções, paixões e dores; formas de resistência que ocorrem e se acumulam na

³ Em 2018 acompanhamos a medida tomada pelos EUA na fronteira com o México em relação aos imigrantes, conhecida como “Tolerância Zero”. Na época, muitas crianças foram separadas de seus pais ou tutores.

fronteira. A sua obra é a organização de um texto que contém em si o híbrido e múltiplo desse espaço fronteiriço que fala sobre as vicissitudes dos migrantes na fronteira.

Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004) tem se mostrado uma figura paradigmática. A autora é citada em vários campos de pesquisa, por exemplo, na Sociologia, História, Psicologia, Linguística Aplicada e Tradução, ainda assim é principalmente nos estudos de perspectiva feminista e desconstrutivo que as noções de Anzaldúa são esmiuçadas. A autora ainda é pouco compreendida, pois além dos conceitos metafóricos que ela desenvolveu ao longo de sua carreira, sua literatura revela reflexões complexas que envolvem os saberes do povo Chicano. Além disso, somente alguns de seus textos são possíveis de serem encontrados na língua portuguesa, no entanto a sua grande maioria está nas línguas inglesa e espanhola.

Borderlands foi publicado primeiramente em 1987, mas uso a obra de 2012 na língua inglesa. As traduções foram feitas por mim. Desde a sua publicação, discussões sobre sua categorização narrativa têm aumentado: autobiografia, ensaios históricos, memórias, testemunhos, poesia, ficção? *Borderlands* é um texto que nos induz a pensar sobre a construção identitária da mulher Chicana/mestiza. A autora do livro nos leva a refletir nossa compreensão do que é fronteira, não como uma simples divisão entre aqui e lá, nós e os outros, mas como algo psíquico, social, de um lugar onde habitamos e que habita todos nós; fronteira que deve ser compreendida como um locus de enunciação fronteiriço crítico. (NOLASCO, 2013).

Essas sensibilidades biográficas constroem o *locus* epistemológico e geoistórico fronteiriço. É necessário, de acordo com Nolasco, que a crítica dessa zona fronteiriça se predisponha a pensar a partir das marcas fronteiriças, a partir das sensibilidades locais e biográficas dos sujeitos e das produções do lugar, a partir das memórias, dos discursos e dos saberes, das língua(gen)s, a partir das histórias locais que foram silenciadas pela a colonização do poder (NOLASCO, 2013).

4. Gestos interpretativo a partir da fronteira

A fronteira física entre os México e EUA ajuda a escritora a criar maneiras diferentes de enxergar e pensar; contudo a fronteira pode ser também secundária, pois, uma *cerca* psicológica pode ser posta, (a)locando o sujeito à margem, ao tentar ocultar e negar sua cultura e seu Local Geoistórico. A fronteira estabelece a vergonha para aqueles que estão do lado de cá e a dignidade para quem está do lado de lá. Para Guerra (2017, p. 99), essa distinção visível é o que alicerça os conflitos, “as tenções identitárias e a normalização de estereótipos”.

Na materialidade que ora analiso, é possível encontrar inúmeros enunciados que atestam práticas de colonialidade, sob a fio discursivo da violência e silenciamento. Entres esses enunciados pode-se verificar uma forte visada feminista que mobiliza uma desconstrução de saberes comprometidos com o domínio masculino. Posso também observar muitos enunciados que são caracterizados pela discriminação dos sujeitos indígenas; são situações em que a relação de poder busca determinar a utilização do espaço, como a escola, para restringir o uso da língua estrangeira, a língua do outro (selvagem, estranho, estrangeiro) que está a margem.

A escola é entendida como um espaço institucional que promove o sujeito *civilizado*, um sujeito-de-direito. Conforme Lagazzi (1988, p. 20), o sujeito-de-direito “ao mesmo tempo em que se vê como ser único, senhor e responsável de si mesmo, ele é intercambiável perante o Estado”. Ele exerce o seu poder por meio da asserção e da repetição. Essas repetições e ações assertivas asseguram o logocentrismo, isto é, uma perspectiva polarizada em que isso é bom e aquilo é mau, certo ou errado, heterossexual ou homossexual, língua ou dialeto, objetivo ou subjetivo, “em que o primeiro é qualificado como superior ao segundo” (CORACINI, 2007, p. 53).

Para iniciar o processo analítico trago o excerto, codificado de B1 (*Borderlands 1*) em que, ao se inscrever no discurso, o sujeito retoma passagens de sua história de vida, deixando aflorar a voz do outro:

B1: Se você quer ser **Americana**, fale “**americano**”. Se você **não** gosta da língua, **volte para o México que é onde você deveria estar**. (Tradução minha).⁴

Anzaldúa (2012) relata um dos momentos que foi pega, quando criança, falando a língua espanhola no recreio. Ela se lembra que foi ordenada a ficar no canto da sala por ter respondido a professora norte-americana quando tudo o que ela queria era saber como se pronunciava o nome da professora. Outro fato, já na universidade Pan Americana, Anzaldúa e todos alunos *mestizos* tinham de fazer um curso de oratória. O objetivo era se livrar do sotaque mexicano/indígena.

A escola é apresentada por Foucault (2013) como um lugar que reúne formas de imposição de regras aos sujeitos do discurso. Ao apropriar socialmente esses discursos, a escola gera uma ritualização da palavra, determinando e fixando os papéis dos sujeitos que falam. Ela constitui e promove a disseminação de doutrinas.

⁴ *If you want to be American, speak 'American'. If you don't like it, got back to Mexico where you belong.*

Observo que ao negar por meio do advérbio **não**, B1 desvela que o enunciado **Se você não gosta da língua...** carrega em si mesmo saberes antagônicos. O **não** funciona como um rastro de que no interdiscurso existe um enunciado que diz o contrário, isto é, há uma outra voz que afirma o que está negando. Nesse enunciado, o sujeito designa o outro de forma mostrada. Dessa maneira, o sujeito reivindica a autonomia de seu discurso sob a forma da denegação do outro (AUTHIER-RÉVUZ, 1998).

A partir de um pensamento abissal, isto é, o pensamento moderno ocidental hegemônico, refutado por Santos (2010), o sujeito é revestido pelo desejo de uma língua que alardeia o nacional, cujo primado está relacionado ao puritanismo patriota, que considera a língua do outro como uma estranha indesejada. O mais característico desse modo de pensamento é sua lógica de exclusão, subjetivando o sujeito como estranho e estrangeiro. Não há a possibilidade do entrelaçamento dos dois lados da fronteira, uma vez que, para haver prevalência, um dos lados necessariamente esgota todo o campo da realidade relevante. Nesse sentido, as palavras de Santos são importantes: “A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal”. (SANTOS, 2010, p. 39).

Entendo também que essas práticas de violência provêm de

mecanismos para que o sujeito de obediência internalize as instâncias de domínio exteriores transformando-as em parte componente de si. Com isso, exerce-se o domínio com muito menos desgaste. Também a violência simbólica é uma modalidade que se serve do automatismo do costume. Ela se inscreve nas coisas autoevidentes e naturais, nos modelos de percepção e de comportamento que se tornaram hábito. A violência, de certo modo, é *naturalizada*. Sem o emprego de violência física, marcial, ela provê as condições para que as relações de domínio vigentes se mantenham. Também a técnica disciplinar se serve da internalização psíquica da coerção. Com intervenções refinadas e discretas, ela penetra nos ductos neuronais e nas fibras musculares do indivíduo, submetendo-o à coerção e aos imperativos ortopédicos e neuropédicos. (HAN, 2017, p. 14).

O sujeito mulher Chicana/indígena, B1, se torna alvo da violência simbólica, praticada por meio da interdição e da hostilidade. O desrespeito que perpassa a violência é veiculado quando B1 “passa a ser o outro, sem nome, sem terra, sem família, um bárbaro, que não tem direito à hospitalidade da lei, do pacto, mas que pode ser alvo da hospitalidade absoluta” (GUERRA, 2010, p. 32). Noto que as palavras **Americana** e **americano** podem estar associadas à FD nacionalista. O sujeito tem a ilusão que é dono de suas palavras, que aquilo que está a dizer possui apenas um sentido. **Americano** no masculino referindo-se à língua(gem) inglesa é muito representativo para mim como analista do discurso, pois permite-me desvelar que o poder colonial tem sexo e ele é masculino. O sujeito mulher Chicana/indígena é definido fora da legitimidade social devido à revogação de seu valor

primário pela sociedade patriarcal, produzindo herdeiras, sem valor e sem honra. O sujeito mulher Chicana/indígena torna-se outro, a mulher *mala* (má), inferior, sexo inutilizável: imoral, sem virtude, perdida (CASTAÑEDA, 1993). Desse modo, é requerido de B1 uma identidade nacionalista específica que está atravessada na língua(gem) que deve ser falada. Língua(gem) e nacionalidade apontam para a ordem do discurso e poder que o sujeito B1 não tem escolha mas entrar nessa ordem.

Manuel Castells (2013) faz uma trajetória sobre o ressurgimento do nacionalismo como (re)construção da identidade com base na nacionalidade. Aqui prevalece um discurso hegemônico em que se denota os não-ditos culturais, reforçando o excepcionalismo do norte global. Cria uma zona em que a enunciadora é colocada como um *não-ser*: não é norte-americana, não é falante da língua inglesa.

Além disso, esse efeito de sentido materializado no enunciado **Se você quer ser Americana, fale ‘americano’** mostra a construção do colonialismo histórico por meio da deslegitimação do *mestizo* quanto ao pertencimento à língua inglesa norte-americana: fale na minha língua para que seja compreendido e aceito, não fale em sua língua; caso o contrário, volte para sua terra de origem, aqui você não é bem-vindo.

É curioso observar que há uma posição migrante muito forte nesse relato, que mostra (re)invenções do sujeito, dos entre-lugares, entre-línguas, entre-culturas, entre-nações, e que tramam novos traços de subjetividade. B1 por meio da língua(gem) atravessa o campo da subjetividade e trava laços com a matéria das outras línguas e com as outras formas de linguagem que habitam esse local geostóricos: a fronteira. Isso provoca deslocamentos e a necessidade do sujeito de se reterritorializar num lugar outro, num terceiro lugar.

Mas, se há um dono da língua/terra, portanto, há um pedido de hospitalidade, e, se há hospitalidade, posso considerar que haja também a *hostipitalidade* derrideana, uma vez que aquele termo não existe sem este.

De acordo com Derrida (2003) há um tipo de estrangeiro que pede a hospitalidade numa língua que não é **sua**, aquela que é imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o senhor, a nação, o Estado, a escola etc. No entanto, o sujeito mulher Chicana/indígena é e não é estrangeira, esse lugar lhe foi imposto quando das invasões dos EUA nas terras mexicanas. B1 adentra esse espaço, pois não compartilha tudo o que se compartilha com a outra língua, o **americano**. É verdade que não é só isso que coloca o sujeito mulher Chicana/indígena no canto da parede, há outras questões que devem ser consideradas também, por exemplo, a condição de ser *mestiza* (mestiça).

Ainda com Derrida (2003) a hospitalidade absoluta exige um espaço da casa ao estrangeiro, desconhecido onde ele pode possa habitar, sem exigir nenhuma reciprocidade. Sem a hospitalidade absoluta o estrangeiro é recebido como um hóspede, um inimigo. A hospitalidade torna-se hostil pela recusa de aceitar aquele sem nome adentrar num espaço onde há um dono. Desse modo, essa ação é nomeada por Derrida (2003) de *hostipitalidade*.

Ora, concentrando-me na temática, entendo que o sujeito mulher Chicana/indígena procura lutar contra atitudes do oponente cuja tentativa, por meio da *hostipitalidade*, visa até mesmo a burlar as ações do governo. Para essa estratégia, muitas representações sociais de cunho fundamentalista étnico e religioso são levadas em consideração. Uma língua sem impurezas surge como um recurso para excluir os sujeitos que não estão atrelados ao saber do colonizador, que impõe a sua (mono)língua pela força e/ou pela lei para

interditar, lançar o sujeito – o outro quem se impõe e que submete – no entre-dizeres, na interdição, ou melhor, no lugar confuso e sem dono do entre-línguas, que significa entre-culturas, entre-outros, entre mim e o outro, que é sempre “outros” (CORACINI, 2007, p. 47).

Para Anzaldúa (2012), a língua outra, onde o sujeito *fronterizo* se encontra, de alguma forma é também o lar, lugar de esconderijo, onde os traços da língua primeira não podem nunca se apagar e os traços das outras línguas produzem novas marcas, que de alguma forma modificam seu eu, sua inscrição na escrit(ur)a. Há, pois, esse local que está entre dois, três, que não se opõem, mas estão relacionados entre si por um movimento de travessias, que se marcam por sensibilidades e inscrições, isto é, entre o eu e o outro, entre o lá e o cá, entre as bordas e fronteiras, entre o espanhol, nahuatl, o inglês e outros ingleses.

Foi o que aconteceu com os mexicanos que ainda hoje enfrentam uma profunda dualidade, ancorada sobretudo entre a parceria econômica e os conflitos migratórios, interligando temor e apatia pelas pessoas estranhas que vêm de fora do país, ou seja, a xenofobia. A partir do século XX, uma nova organização social, dentro do capitalismo industrial, tem sido erigida para alcançar todos os níveis da sociedade, transformando culturas e construindo riqueza e pobreza, despertando “a ganância, a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo impondo o rigor e instilando o desespero” (CASTELLS, 2013, p. 17).

A obra *Borderlands* (2012) nos leva para ambientes conflitantes. A escrit(ur)a de Anzaldúa (2012) é invadida de reflexões profundas, alcançando o leitor em sua mais distinta vivência. O sujeito olha para si e entende-se mulher, Chicana, nascida numa atmosfera de opressão e confusão. O seu Local Geohistórico enuncia o seu desconforto para (sobre)viver e enfrentar as contradições: buscar uma nacionalidade, não encontrar nenhuma, ou encontrar

mais de uma, num confronto do sujeito-eu com o outro. Trata-se também de uma paisagem onde a pergunta *Quem sou eu?* não é prontamente ou facilmente respondida.

4. (In)Conclusões

A partir do que foi percorrido, o meu anseio foi trazer gestos interpretativos e saberes outros ao partir da escrit(ur)a, língua(gem) e do corpo do sujeito mulher Chicana/índigena com o intuito de descolonizar os saberes hegemônicos, os quais tentam, numa arena de poder, silenciar histórias deserdadas.

As análises mostraram que a escrit(ur)a da mulher Chicana/índigena está permeada de dispositivos caracterizados de uma violência colonial que possui ligamentos com as práticas disciplinadora, agenciada pelo *homem branco* através da incitação ao ódio, materializado na discriminação étnica e sexual.

Foi possível perceber que a mulher Chicana/índigena é violentada por práticas de violência, ora física, ora simbólica. A partir do seu Local Geográfico, ponto que através do gesto interpretativo que foi apreendido o sujeito da fronteira se sente imigrante em sua própria terra, pois o outro, o poder colonializante estabelece uma ordem, seja pelo ordem discursiva religiosa, seja machista, que coloca a mulher Chicana/índigena em um nível hierárquico de submissão.

A busca de um lar, dum esconderijo, da terra como conforto será uma busca constante, uma vez que esses sujeitos fronteiriços estão ainda limitados pelo discurso da lei que fomentam que há somente uma verdade, aquela que está atrelada ao pensamento da colonialidade do poder. Por outro lado, sabe-se que onde há poder há resistência.

Enfim, ao colonizador não está em jogo apenas o poder da língua(gem), mas o poder de escolhas, o poder de tornar o outro insignificante, o poder de retirar-lhe a vida. Em suma, para o enunciador B1, aquele que não fala inglês ou não se vincula à escola, torna-se objeto descartável. Portanto, o discurso revela os lugares ideologicamente marcados: enquanto o Chicano/índigena encontra-se em lugar de aprisionamento e dependência à espera do herói, do *mais forte*, o colonizador (norte-americano) é colocado como aquele que vem para o salvar.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

_____. *Interviews*. Ed. AnaLouise Keating. New York: Routledge, 2000.

AUTHIER-REVÚZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: UNICAMP, 1998.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CASTEÑADA, Antonia I. Sexual violence in the politics and policies of conquest: Amerindian women and the Spanish conquest of Alta California. In: TORRE, Adela de la; PESQUERA, Beatriz M. (Ed.). *Building with our hands: new directions in Chicana studies*. Los Angeles: University of California Press, 1993. p. 15 – 33.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (maternal e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado da Letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

GUERRA, Vânia M. L.; ALMEIDA, Diego de. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução. In: GUERRA, Vânia M. L.; NOLASCO, Edgar C. (Orgs.). *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos*. Campinas: Pontes, 2015. p. 185-206.

GUERRA, Vânia M. L.; NASCIMENTO, Celina Aparecida G. de Souza; SOUZA, Claudete Cameschi de. (Orgs.). *Sociedade contemporâneas: diversidade e transdisciplinaridade*. Campinas: Pontes, 2016.

GUERRA, Vânia M. L. As fronteiras da exclusão: o discurso do outro e o processo identitário do indígena. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia M. L.; S. Freire, Zélia R. Nolasco dos. (Orgs.). *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul – (Brasil/Paraguai/Bolívia) – biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira*. Campinas: Pontes, 2017. p. 95-122.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. *On decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteiriça*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

NOLASCO, Edgar César. *Crítica biográfica fronteiriça* (Brasil/Paraguai/Bolívia). CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Brasil/Paraguai/Bolívia, Campo Grande: UFMS, v. 7, n. 14, p. 47-63, jul./dez. 2015.

SANTOS, Boaventura de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: G.C., 2010. p. 23-71.